

## NOTAS SOBRE O *CYBERSPACE*: VALORES HUMANOS EM REDE

*Francisco Menezes Martins*

O mundo é pleno de coisas belas e, contudo, pobre de belos instantes e revelações de tais coisas. Mas talvez esteja nisso o mais forte encanto da vida: há sobre ela, entretecido de ouro, um véu de belas possibilidades, cheio de promessa, resistência, pudor, desdém, compaixão, sedução. Sim, a vida é uma mulher! Nietzsche

Nos fragmentos de *A Gaia Ciência*, a relação do homem com seus valores, humanos, portanto, é encontrada de muitas formas, como se um pressentimento ocupasse a atenção de todas as épocas. Como se um instinto levasse ao ato de inventar para si mesmo uma grande quantidade de fábulas. Nelas, os valores e suas gradações seriam personagens e cenário para tais devires.

A atenção, aqui, está voltada para o aforisma 354, onde é possível interpretar certos traços de uma precoce preocupação com a comunicação. Como se o que viesse acontecer posteriormente, desse sentido aos primeiros passos de uma nova fase no pensamento do andarilho Nietzsche. O referido aforisma pertence ao livro V, escrito anos depois dos quatro primeiros, onde o estilo do pensador alça vôo de forma a atravessar o biologismo e o positivismo, para chegar ao perspectivismo, através da genealogia dos valores.

A ponto de não suportar a natureza e suas leis, a trajetória do homem técnico passa pela ciência e pela técnica moderna, onde as luzes de suas promessas poderiam mostrar um futuro digno de tal espécie. Romper com a natureza das revelações, buscar a noção de que as coisas não foram feitas para a repetição. Que o simulacro seria a própria constatação de tal ausência de repetições, onde a memória do ato “original”, seria, assim, o vestígio do que está oculto.

Em tempos anteriores, quando a moral delimitava o horizonte do homem, o imaginário era a linha de fuga. Hoje, quando a comunicação informa

o horizonte moral, o imaginário persiste como linha de fuga. Porém, se o compartilhar e o comunicar da espécie humana são traços não individualizados, Nietzsche ponderaria que

A consciência desenvolveu-se apenas sob a pressão da necessidade de comunicação – de que, desde o início foi necessária e útil apenas entre uma pessoa e outra (entre a que comanda e a que obedece, em especial), e também se desenvolveu a penas em proporção ao grau dessa utilidade. Consciência é, na realidade, apenas uma rede de ligação entre as pessoas – apenas como tal ela teve que se desenvolver: um ser solitário e predatório não necessitaria dela (Nietzsche, 2004, § 354).

Para garantir a posse das lembranças, para que elas pudessem se libertar da individualidade e singularidade era preciso uma nova moral. Mais forte do que as anteriores. Que não triunfasse pelo cerceamento, pela censura, pela exclusão, mas que estivesse ligada aos valores gregários e, portanto, da democracia moderna: distribuição, popularidade, comércio. Assim, a circulação dos valores passava a obedecer a uma lógica comunicacional, vinculada diretamente ao aspecto consciente do homem. Um indivíduo, uma espécie. O problema a resolver era saber sobre uma interface possível que separaria tais superfícies de contato.

Meu pensamento, como se vê é que a consciência não faz parte realmente da existência individual do ser humano, mas antes daquilo que nele é natureza comunitária e gregária, que em consequência, apenas em ligação com a utilidade comunitária e gregária ela se desenvolveu sutilmente, e que, portanto, cada um de nós, com toda a vontade que tenha de entender a si próprio da maneira mais individual possível, de conhecer a si mesmo, sempre traz à consciência justamente o que não possui de individual, o que nele é “médio” – que nosso pensamento mesmo é continuamente suplantado, pelo caráter da consciência – pelo “gênio da espécie” que nela domina – e traduzido de volta para a perspectiva gregária (Nietzsche, 2004, § 354).

---

A idéia de Nietzsche aponta para a utilidade gregária da comunicação. Alguém comanda e alguém obedece. O comunicar tinha o objetivo senhorial de fazer-saber sobre um “dever-saber” do comandado. Uma relação que se amplia tanto, que se perde a linha entre quem manda e quem obedece. Ao anonimato do poder, uma fórmula: discurso médio em nível da consciência da espécie. O que há de comum, passa a ser um valor maior que o que há de individual. Um digladiar pela diferença ou um arrastar-se pela igualdade. Em tal perspectiva gregária, surgem círculos que vão da revelação individual ao agir social.

Das particularidades às generalidades, com a passagem de um pensamento individual à consciência coletiva, por mero utilitarismo de ligação em rede com os da mesma espécie. As redes comunicacionais repetem, sob aspectos das tecnologias contemporâneas, o modelo gregário, instintivo e característico do tipo humano. A disposição dos valores no *cyberspace*, sua visibilidade e potencial dialógico retornam ao imaginário como aparentes forças subjetivas da vontade individual. No atualizar do virtual ciberespacial, a lembrança do movimento capaz de falsear a consciência da espécie, com a idéia de autonomia individualidade, ainda que enquadrada em perfis que poderiam antecipar gostos e preferências a partir de cruzamentos de dados estatísticos.

Todas as nossas ações, no fundo, são pessoais de maneira incomparável, únicas, ilimitadamente individuais. Não há dúvida, mas tão logo as traduzimos para a consciência, não parecem mais sê-lo... esse é o verdadeiro fenomenalismo e perspectivismo como eu entendo: a natureza da consciência animal ocasiona que o mundo de que podemos nos tornar conscientes seja só um mundo generalizado, vulgarizado – que tudo o que se torna consciente, por isso mesmo torna-se raso, ralo, relativamente tolo, geral, signo, marca de rebanho, que a todo se tornar consciente está relacionada uma grande, radical, corrupção, falsificação, superficialização e generalização (Nietzsche, 2004, § 354).

Que grande descoberta, a consciência. A própria generalização do mundo e do homem. Através dela, os castigos e as recompensas ganham outra dimensão. A moral age sobre ela. No que é profundamente marcado e constantemente lembrado. A posição,

a oportunidade, a possibilidade. Forças reprimidas e posteriormente liberadas em campo destinado à comunicação humana. Ao falseamento da vontade, uma consciência superficial que age como simulacro do pensamento:

As grandes impulsões positivas, eletivas, atrativas desapareceram. Desejamos apenas de modo fraco, nossos gostos são cada vez menos determinados. As constelações do gosto, do desejo, como da vontade desfizeram-se não se sabe por qual efeito misterioso (Baudrillard, 1996, p. 80).

Nesta zona comum, os valores se aceleram e se cristalizam pela própria substituição. Nestas trocas velozes, não importa mais qual valor, mas o valor de que algo está sendo comunicado. Neste sentido, acredita-se que poderia estar realizado o tal efeito misterioso descrito por Baudrillard: a indiferença pelo excesso de coisas a serem valorizadas conduz menos à vontade que à consciência. O que é revelado apenas uma vez possui vontade de poder. Quer se repetir. Mais, quer se perpetuar, ainda que saiba de seu fim. A tecnologia de memória faz banco de dados como próteses humanas. A tecnologia do atual faz o presente se acumular sobre si próprio. Uma dobra que expande o horizonte para pontos já constituídos na consciência. O mistério também é como a crença constrói verdades.

Não temos nenhum órgão para o conhecer, para a “verdade”: nós “sabemos” (ou cremos ou imaginamos) exatamente tanto quanto pode ser útil para a grege humana, da espécie: e mesmo o que aqui se chama “utilidade” é, a final, apenas uma crença, uma imaginação e, talvez, precisamente fatídica estupidez da qual um dia pereceremos (Nietzsche, 2004, §354).

A invenção da verdade, como fábula, útil aos rituais da crença no consenso possível, ou na versão predominante sobre fenômenos que escapam dos sentidos, aliam o imaginário tanto à moral do homem idealmente melhorado, como à moral do homem utilmente disciplinado. Nas lições de Foucault, a idéia de que paralelo ao modelo ideal, existia o modelo disciplinar, remete à outra interface: indivíduo-ideal/ indivíduo-disciplinado. Assim como na interface nietzschiana vontade/consciência, a foucaultiana busca a versão obscura da cultura e dos valores. Individualizar era, nas Sociedades Disciplinadas, não

uma distinção, mas uma forma de poder. Na produção possível dos corpos,

o indivíduo é, sem dúvida, o átomo fictício de uma representação 'ideológica' da sociedade; mas também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a 'disciplina'(...) na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (Foucault, 2005, p. 161).

No que diz respeito à relação entre valores humanos e comunicação, levando em conta a moral, a representação do homem, enquanto utilidade, está ancorada ainda nas idéias de disciplina, de Foucault, ao mesmo tempo em que, é possível afirmar que, do ponto de vista da interioridade nietzschiana, ela oscila entre o que nos fizeram saber e o que queremos saber.

Mais, atuando sobre o que se pode saber, a relação define todo um dever ser moral, a partir da comunicação, da consciência da espécie, um discurso para a média, mas que aspira aos extremos. A moral midiática não tem negatividade tecnológica, nada poderia impedir este nirvana comunicacional. Para tanto, as idéias de poder desaparecem.

A disciplina parece nunca ter existido. Como se a trilha das luzes modernas chegasse ao momento contemporâneo, sem ter passado pelas estações disciplinares. Como se o substantivo poder estivesse destinado a ser apenas um verbo da possibilidade publicitariamente anunciada. A comunicação no *cyberspace*, além de ser expressão de cibercultura, também é um problema da moral.

Da impossibilidade anunciada do livre arbítrio, pelo próprio Nietzsche, que tanto apostou no conceito, ainda em *Humano, Demasiado Humano*, a liberdade parece ser um movimento gregário, valor comunicacional e consciente, na mesma medida em que é um valor individual, da vontade e do pensamento.

Se o poder produz realidade, se esta realidade oculta sua produção e apresenta-se como "em si". Se a verdade é crença e se a comunicação é instinto da espécie humana, a trama tecnológica contemporânea pode ser conceituada como uma realidade produzida pelos e para os instintos da consciência humana em suas, hoje visíveis e exteriores,

ligações comunicacionais em rede, transmitindo e disponibilizando valores que garantem, há muito tempo, a sobrevivência da espécie e a simulação como lembrança. Segundo Nietzsche, as coisas somente se revelam uma vez aos olhos. Se elas retornam, é no simulacro e na vontade de representar o que já não existe como cena, apenas como encenação: a vontade individual não disciplinada desaparece, dando lugar à consciência midiática da humanidade. Esta, sim, herdeira da educação do indivíduo utilmente disciplinado. A consciência é disciplinada, portanto.

A individualização atual está mais para a utilidade aos objetivos do poder como produção de realidade, do que para o conceito da individualidade como finalidade humana, que deseja ser lembrada como parte do iluminismo, uma genealogia do ideal, e esquecida enquanto parte da disciplina, constituída como uma genealogia da moral.

Com Foucault, finalmente, não esquecer que o poder produz realidade. Nem que seja uma realidade virtual, sempre lembrar do poder que a construiu. E, com Nietzsche, pensar que os ideais são virtuais que se atualizam na idéia de um "mundo verdadeiro", cuja existência se daria apenas em oposição aos sentidos do "mundo das aparências". Aqui, então, uma visão de valores do homem ocidental na interface com seus tempos.

## REFERÊNCIAS

Baudrillard, J. **A transparência do mal**. São Paulo: Papirus, 1996.

Foucault, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2005.

Nietzsche, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Nietzsche, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

## NOTAS

1 Doutor em Comunicação/UCM-Espanha. Professor do PPGCOM/FAMECOS-PUCRS.